

PRÁTICAS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

"Terra sem Males"

experiência audiovisual e extensão em engenharia ambiental

Lana T'ai Oliveira Salerno ^{1*}
Iasha Nur Oliveira Salerno ²

¹ Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: лана.tsalerno@gmail.com

² Departamento de Artes e Comunicação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: iashasalerno@gmail.com

*autor correspondente

RESUMO

O presente trabalho aborda a realização do documentário "Terra sem Males", produção audiovisual feita em conjunto com integrantes do GEISA, grupo de extensão universitária do curso de Engenharia Ambiental da USP São Carlos e profissionais do audiovisual e antropologia. A ideia do documentário surgiu a partir da reflexão sobre como criar novos tipos de conteúdo aproveitando as experiências e pesquisas realizadas pelo grupo de extensão.

PALAVRAS-CHAVE

Documentário; Extensão universitária; Assentamento; Reforma agrária; Produção audiovisual

"Terra sem Males"

filmmaking experience and environmental engineering extension

ABSTRACT

The present work deals with the making of the documentary "Terra sem Males" ("Land with no Evil"), a filmmaking production made in association with the GEISA university extension group members of Environmental Engineering at USP (University of São Paulo) São Carlos and filmmaking and anthropology professionals. The idea of the documentary derived from the reflection on how to create different types of content benefiting from the experiences and research carried out by the extension group.

KEYWORDS

Documentary; University extension; Settlement; Agrarian reform; Audiovisual production

Submetido em: 31/08/2020 – Aprovado em: 10/12/2020 – Publicado em: 15/12/2020

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

1 INTRODUÇÃO

O GEISA (Grupo de Estudos e Intervenções Socioambientais) é um grupo de extensão universitária do curso de engenharia ambiental da Universidade de São Paulo (USP), campus São Carlos, criado em 2009 por estudantes do curso. O GEISA surgiu do encontro de estudantes que viam na extensão uma opção para desenvolver projetos de impacto social e ambiental fora dos limites da universidade. O grupo é composto, principalmente, por alunos e alunas do curso da engenharia ambiental e se divide em diferentes núcleos de

atuação, que vão sendo criados e continuados segundo os integrantes presentes no momento. O grupo se estrutura em uma hierarquia horizontal, na qual os participantes transitam entre as funções e execução das demandas.

Além dos projetos desenvolvidos por cada núcleo, o GEISA participa e desenvolve atividades onde integrantes de todos os núcleos se juntam para realizar, seja uma intervenção no campus, participar da Semana de Extensão da USP, organizar formações e desenvolver projetos pontuais com parceiros, como, por exemplo, o Festival de Pipas¹ no campus II com a ONG Formiga Verde e outros grupos de extensão.

Entre 2015 e 2018, o grupo do GEISA se concentrou em principalmente quatro núcleos: Compostagem, que realiza a compostagem dos resíduos orgânicos do restaurante universitário do campus II da USP; projeto Escola, no qual o grupo atua na área de educação ambiental com crianças e adolescentes da Escola Estadual Bento da Silva Cesar; Bioconstrução, mutirões e oficinas de bioconstrução no barracão da compostagem (local construído pelo grupo); e o projeto Assentamento que será descrito a seguir.

A atuação desse núcleo se dá no Assentamento Comunidade Agrária Nova São Carlos (São Carlos - SP) e teve início em 2013. O assentamento Nova São Carlos foi contemplado para fins de reforma agrária em 2009 e possui um total de 83 famílias assentadas. Localiza-se a aproximadamente 16 km do centro urbano, no antigo horto de São Carlos, onde houve plantação de eucalipto por quase 30 anos.

Duas frentes foram desenvolvidas no assentamento durante o período de participação no grupo. A primeira focou no desenvolvimento e aplicação de diagnósticos socioambiental e econômico com as famílias assentadas, utilizando abordagem quantitativa em 39 lotes (Varison & Taver, 2017) e qualitativa em 4 lotes (Tabarin, 2018). A segunda frente se dedicou à construção de tecnologias sociais descentralizadas de tratamento de esgoto, em lotes diferentes e escolhidas em conjunto com a família assentada, de acordo com suas necessidades e desejos. Banheiro seco, tanque de evapotranspiração e fossa biodigestora foram as três tecnologias acompanhadas, todas para o tratamento de águas negras (água proveniente do vaso sanitário). Nessa frente, os integrantes fazem o dimensionamento, a coleta de recursos e materiais por doação financeira e, por fim, a compra dos materiais. A construção é feita em molde de mutirão-oficina, aberta para o público se inscrever e em conjunto com a família (exemplo Figura 1).

Além da execução do trabalho técnico, a atuação no assentamento nos permitiu conhecer diferentes famílias e nos fazer conhecidos por alguns assentados. Essa troca possibilitou ao grupo a oportunidade de conhecer mais de perto um dos assentamentos do município, sua história e trajetória, assim como as dificuldades enfrentadas e potencialidades exploradas; inteirar das dinâmicas sociais e associativas dentro do assentamento e o papel de instituições federais e municipais no desenvolvimento e consolidação de políticas públicas, projetos e serviços; informar de algumas questões políticas, ambientais, econômicas e sociais que atravessam a política de reforma agrária em sua abrangência nacional.

¹ O festival é uma iniciativa da ONG Formiga Verde que busca promover a aproximação com o bairro e atividades educativas. Em 2017 o GEISA atuou junto à organização do evento.

As atividades desenvolvidas geraram diversas parcerias com professores da universidade e outros grupos e instituições, além de despertarem olhar crítico ao papel da universidade e sua relação com a comunidade em que está inserida: a atividade de extensão é uma troca, onde ambos os envolvidos tem o momento de escuta e de fala.

Figura 1. Fotografia dos participantes ao final da construção do tanque de evapotranspiração em um dos lotes do assentamento Nova São Carlos em 2017.



Fonte: os autores, 2020.

A quantidade de dados e informações levantadas pelo GEISA nesses sete anos de trabalho junto ao assentamento é grande, mas, muitas vezes acabam ficando restritos ao ambiente acadêmico, em formato de relatórios, diagnósticos e monografias. Como, então, fazer com que essas informações cheguem em outros espaços e de outras formas que não só pela palavra escrita? Foi a partir dessa reflexão que surgiu a ideia de gravar um documentário no assentamento.

2 DOCUMENTÁRIO COMO METODOLOGIA

“Terra sem males” é o nome de um mito indígena guarani, que narra a busca dos povos por uma terra livre de doenças, sofrimento e fome, uma terra que seja fértil e abundante, onde o que se planta, se colhe. Foi esse mesmo nome o escolhido para o documentário, gravado em agosto de 2019, que acompanha quatro famílias do assentamento Nova São Carlos e compartilha o ponto de vista que cada uma delas tem a respeito da reforma agrária e da trajetória do assentamento - pessoas que participaram do processo de luta e ocupação de uma terra de reforma agrária e que também sonham em transformar essa terra numa terra sem males.

A organização da equipe se deu de maneira interdisciplinar, composta por cinco pessoas (duas da engenharia ambiental, uma da antropologia e duas do audiovisual), e o trabalho foi iniciado com uma série

de encontros para adentrar nas questões e no contexto que envolvem o Nova São Carlos². A partir desses encontros a equipe elencou aspectos que poderiam ser ressaltados na narrativa. Apesar da importância de expor as complexidades e dificuldades que constituem o assentamento desde sua formação, também se optou por valorizar as realizações já conquistadas pelas famílias e a determinação, tão marcante na vida dessas pessoas que passaram anos lutando para ter direito a essas terras. Assim, o fluxo narrativo foi estruturado em quatro eixos principais: história do assentamento, dificuldades enfrentadas, reflexões sobre a reforma agrária e sonhos e conquistas. O primeiro eixo abordou o processo de ocupação e contemplação do assentamento e a trajetória pessoal de cada família. A partir das histórias e dados compartilhados, algumas problemáticas foram elencadas, como a falta de água para produção e dificuldade na comercialização. Esse segundo eixo acabou se conectando às reflexões sobre a reforma agrária, pois os pontos de vista compartilhados refletem a experiência que cada núcleo familiar vivenciou e também revelam nuances da lógica do programa de reforma agrária. No último eixo, as expectativas e perspectivas para o futuro foram abordadas, bem como as maneiras que cada família encontrou para desenvolver seu lote.

Para esse momento de pensar o projeto foram utilizadas referências bibliográficas e filmográficas, que auxiliaram a visualizar a atmosfera da narrativa, como, por exemplo, o livro *Introdução ao Documentário*, de Bill Nichols. Nele, o autor propõe seis principais modos de narração documental (expositivo, poético, observativo, participativo, reflexivo e performático), e cada um deles possui características específicas, que também norteiam o tipo de abordagem e as imagens gravadas (Nichols, 2005). Não caberia aqui discutir todos esses modos, mas “Terra sem Males” flutua entre o participativo e poético e ter feito essa escolha contribuiu para a criação de algumas imagens específicas na hora da gravação. O modo participativo, de forma sucinta, evidencia a interação entre cineasta e o que está sendo filmado, e a gravação geralmente se dá por meio de entrevistas ou outras formas de envolvimento mais direto. Já o modo poético busca destacar as impressões subjetivas e estéticas do cineasta, através de associações visuais, trilhas musicais, narrações e montagem não linear. Em “Terra sem Males” a dimensão participativa se materializa na maneira como a narrativa vai ser apresentada, mediante as entrevistas, e em assumir a presença da equipe e da câmera durante as interações. O modo poético vai se dar nas relações entre imagens e trilha musical de alguns blocos que vão “interromper” o fluxo das informações.

Após esses encontros, visitas no assentamento foram agendadas. Aproveitando o contato e o vínculo que já existiam através do GEISA, iniciou-se conversas com famílias que conheciam parte da equipe. Foram momentos para apresentar a proposta do documentário e para colher mais informações e histórias, que ajudaram na formulação de algumas perguntas para a gravação. Ao final, foram escolhidas quatro famílias, algumas delas indicadas pelas que já conheciam a equipe. Também foi entrevistado o técnico do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) da época, que acompanhou todo o processo de

² Apesar de duas integrantes do documentário terem participado do GEISA, o documentário não é um projeto do GEISA e foi desenvolvido de forma independente ao grupo.

regulamentação das terras e foi mencionado por todas as famílias entrevistadas. Essas primeiras visitas aconteceram sem câmera, até o vínculo ser criado e elas estarem mais familiarizadas ao projeto e à presença da equipe.

Além das visitas e conversas, também foi lançada, nesta pré-produção, uma campanha online de financiamento por meio de plataformas específicas para isso. Foram calculados custos básicos de alimentação e transporte, remuneração das famílias e da equipe envolvida. Foram utilizados equipamentos próprios, mas também equipamentos emprestados e alugados.

Para esse tipo de proposta de documentário é difícil ter, para as gravações, um roteiro completamente fechado, porque tudo que vai ser gravado acontece de forma espontânea e depende do envolvimento com os entrevistados, por isso, um roteiro de perguntas segundo os eixos narrativos elencados foi elaborado, apenas para nortear as conversas gravadas, levando em conta esse aspecto de indeterminação que pode caracterizar algumas produções documentais. As Figuras 2 e 3 mostram os bastidores de gravação do documentário.

Figuras 2 e 3. Fotografia dos bastidores da gravação do documentário “Terra sem Males”.



Fonte: os autores, 2020.

Embora a equipe não tenha sido composta exclusivamente por pessoas formadas em audiovisual, a organização se deu dentro das principais funções (produção, roteiro, direção, captação de som e imagem e montagem), compartilhando coletivamente as demandas de cada função. A produção foi feita de maneira bastante independente e em muitos aspectos distante do que seria uma formação e estrutura ideais dentro do campo profissional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto passou por um longo período de transcrição das entrevistas e criação do roteiro, que se materializa na fase de montagem³. Foi uma experiência muito enriquecedora, não só por adentrar nas complexidades de uma política como a da reforma agrária e por conhecer um pouco mais essas realidades que vivem tão perto de nós, mas porque o documentário simboliza também o encontro entre várias áreas do conhecimento. Só conseguimos realizar um projeto assim em tão pouco tempo, considerando os seis meses de encontros da equipe, estruturação das ideias e gravação, porque já havia um acervo enorme de pesquisa sobre o assentamento criado pelo GEISA. A intimidade já criada com algumas famílias também contribuiu muito para a profundidade dos relatos.

Os cuidados na abordagem, reflexões sobre o documentário em si e questões éticas para a montagem ganham peso quando somados às reflexões antropológicas sobre tais assuntos, a sugestão do título também foi dada pelo antropólogo que participou do processo, graças às suas leituras na área. O audiovisual consegue conversar com todos esses universos e ao final possibilita a criação de uma obra que, além de ser um exercício de criatividade e compartilhamento de informação, é também um material que pode ser aproveitado pelos próprios assentados. Em uma reflexão sobre o papel da extensão universitária é importante que ocorram essas “devolutivas” e que o projeto circule em outros espaços além do acadêmico, que haja um diálogo com a comunidade em que estamos inseridos e que o projeto possa ser uma ponte ou ferramenta de divulgação/informação/reivindicação por parte dos envolvidos. Por fazer uso da linguagem visual e oral, as produções audiovisuais acabam facilitando essa circulação.

O documentário foi um desdobramento inédito da atuação do GEISA, uma prática que emergiu da experiência da extensão universitária e nos mostrou como um projeto pode adquirir formatos distintos do habitual e como outros campos do conhecimento ganham novas camadas e alcances quando fazem uso da linguagem audiovisual.

REFERÊNCIAS

Nichols, Bill. (2005). *Introdução ao documentário*. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus.

Tabarin, I. A. (2018). *Estudos e aplicações de metodologias para o diagnóstico socioambiental do Assentamento Nova São Carlos - São Carlos (SP) - segunda edição: etapa qualitativa (Relatório Final Programa Unificado de Bolsas)*. Universidade de São Paulo, São Carlos, SP, Brasil.

Varison, L. R., & Taver, L. C. (2017). *Diagnóstico do Assentamento Comunidade Agrária Nova São Carlos e Região (ACASCAR) (Relatório Final Programa Unificado de Bolsas)*. Universidade de São Paulo, São Carlos, SP, Brasil.

Artigo submetido ao sistema de similaridade

³ O documentário encontra-se em fase de edição e a previsão, até o momento, para lançar o filme é o primeiro semestre de 2021.